

Vinny troca  
psicanálise por  
retorno à música



PÁGINA 7

Plataformas  
mostram suas  
armas para 2024



PÁGINA 4

Bob Wolfenson  
cliqueu artistas do  
Lollapalooza 2024



PÁGINA 8

## 2º CADERNO

Divulgação



No set de filmagens, Luiz Fernando Carvalho dirige Maria Fernanda Cândido em 'A Paixão Segundo GH'

Treze anos depois de uma cultuada incursão cinematográfica à prosa de Raduan Nassar, o maior diretor de TV que o Brasil já conheceu regressa à telona com 'A Paixão Segundo GH'

Rodrigo Fonseca | Especial para o Correio da Manhã

Foi uma adaptação de "Homens Querem Paz", de Péricles Leal, feita em planos-sequência para a "Terça Nobre", que transformou Luiz Fernando Carvalho num farol de invenção no espaço mais industrial do audiovisual: a TV Globo. O diretor permaneceu lá por lá anos a fio, presenteando a emissora – mas de olho no Brasil – com pérolas como "Rei do Gado" (1996), "Os Maias" (2001), "Hoje É Dia De Maria" (2005), "A Pedra do Reino" (2007), o antológico "Capitu" (2008), "Afinal, O Que Querem As Mulheres" (2010), "Meu Pedacinho De Chão" (2014), "Velho Chi-

có" (2016) e "Dois Irmãos" (2017).

No meio do caminho, fez um filme... e que filme!... por muitos considerado "A" obra-prima do cinema nacional do século XXI: "Lavoura Arcaica", baseado na obra-prima literária de Raduan Nassar. Diz sempre que aquele livro o encontrou. Um encontro de alma também se deu com "A Paixão Segundo GH", escrito em 1964 por Clarice Lispector (1920-1977), que marca o regresso de Luiz Fernando às telonas, em 11 de abril. Maria Fernanda Cândido tem a atuação de uma vida vivendo uma mulher que é muitas, tantas, todas, atomizada, implodida e reconfigurada após se deter diante da imagem de uma barata esmagada.

Continua na página seguinte

### Processo impresso e consagrado

Em paralelo ao regresso de Luiz Fernando Carvalho às telas, a editora Rocco abrilhanta as livrarias de todo o país com os bastidores do processo criativo do cineasta, chamado "Diário De Um Filme: A Paixão Segundo GH". Em primeira pessoa, a roteirista do longa, Melina Dalboni, revive a jornada de realização desse diálogo com Clarice Lispector e revela o atravessamento emocional de todos da equipe e do elenco pelo modo transcendente com que seu realizador trabalha.

Nessas cativantes anotações, Melina conduz o leitor em um mergulho no percurso criativo do cineasta a partir da obra de Clarice e se depara com as circunstâncias externas, pessoais ou não, que afetam uma filmagem. Na segunda parte, são reproduzidas as transcrições das Oficinas Teóricas, ponto de partida para todos os trabalhos de Carvalho, realizadas para a equipe na fase de pesquisa e ensaios.

Pelo tablado do Galpão, espaço criativo idealizado pelo cineasta, passaram faróis da intelectualidade como Nádia Battella Gotlib, José Miguel Wisnik, Yudith Rosenbaum, Franklin Leopoldo e Silva, Rafaela Zorzanelli e Flávia Trocoli - todos estudiosos e especialistas na obra de Clarice, o que transforma as palestras transcritas na publicação em escritos inéditos para os estudiosos e admiradores da obra da autora. Acompanham os textos, reproduções dos cadernos do cineasta, frames do filme e fotografias dos bastidores das filmagens. (R.F.)

## ENTREVISTA / LUIZ FERNANDO CARVALHO, CINEASTA

Divulgação



*‘Palavra é um corpo xamânico. O que eu faço num filme é autopsia em corpo vivo’*

O Festival de Roterdã levou “A Paixão Segundo GH”, Maria Fernanda Cândido, Luiz Fernando Carvalho e sua equipe para a Holanda, onde foram saudados com uma apaixonada reação do público. O filme é um cult instantâneo. Na entrevista a seguir, Luiz Fernando se eviscera para o Correio da Manhã para explicar que Clarices carrega consigo.

**Em Portugal, “A Paixão Segundo GH” completa seis semanas em cartaz. Em Roterdã, o elogio ao filme parecia um coro. Que desenho o um filme que parece “pequeno”, em medidas orçamentárias, agi-**

**ganta para o mundo?**

**Luiz Fernando Carvalho:** O que parece “pequeno” pelo orçamento muda de forma quando exibidores de locais do Brasil que não estavam previstos no nosso cronograma de estreias inicial nos pede o filme. Estamos indo para praças que não imaginava. Na época do “Lavoura Arcaica”, a Riofilme tinha pouquíssimas cópias para rodar o Brasil todo. Agora, recebemos a excelente notícia da permanência no Cine Trindade, de Portugal, que é uma sala incrível. Em Roterdã, a organização me chamou e disse: “Seu longa é um filme de público”, baseada no fato de que as sessões estavam lotadas... todas... e as pessoas precisavam ser quase enxotadas dos

bate-papos ao fins das projeções, porque elas queriam ficar ali, falando, falando, falando. Há exhibições agora em festivais na Argentina e na França.

**Que centelha de melodrama “GH” carrega, a julgar que você fez parte de sua carreira no templo do folhetim: a TV?**

Uma pitada de melodrama faz bem a qualquer obra e, no caso da Clarice, mesmo quando ela é mais irônica ou mais trágica, percebemos traços do gênero em seus contos, em “A Hora da Estrela”, em sua voz de judia ucraniana. Não tem fórmula a “medicação” literária que ela nos oferece, em sua prosa, mas pode ser perigoso manipular seus com-

ponentes, pois ela nos dá indícios de libertação. Conectar-se com ela é tangenciar a condição feminina da luta por liberdade... não panfletária... da opressão masculina.

**Em Roterdã se dizia que este é seu trabalho mais “silencioso”. O que um diretor que sempre conduziu a palavra literária às telas faz do silêncio?**

Eu reivindico a a palavra como elemento central do meu cinema sem hierarquia entre ela e a imagem. Silêncios são entidades repletas de eloquência. São uma forma particular de som no meio daquela feitiçaria que há na Clarice. O contraponto ao silêncio há de ser um ruído ou o brotar de uma palavra. Mas observe o que há nessas palavras de Clarice, a força delas. É o que observávamos quando Raul Cortez falava as palavras de Raduan Nassar em “Lavoura Arcaica”. Palavra é um corpo xamânico. O que eu faço num filme é autopsia em corpo vivo, para lidar com a substância poética que chamamos de vida.

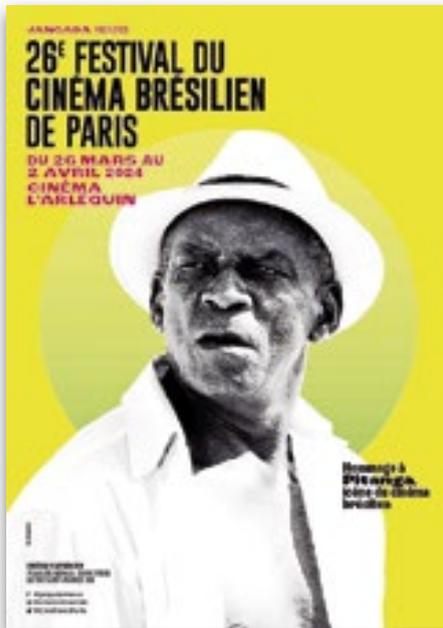
**Existe uma “família” Luiz Fernando em sua “Luizlândia”, digo, em sua obra, formada por estrelas e astros de vasta parceria com você, como Osmar Prado, Eliane Giardini, Antônio Fagundes e... Maria Fernanda Cândido. Que ponto de maturidade em sua jornada de sucesso – com passagens pela Itália de Marco Bellocchio, no filme “O Traidor”, e pela franquia “Harry Potter” –, ela demonstra em “GH”?**

Sempre encorajei meus elencos para que eles saíssem da tutela e fossem coautores da coisa, comigo, com a equipe. É pela cumplicidade que a arte que eu faço alcança a cumplicidade do outro. Maria é coautora e se oferece ao “GH” com enorme grau de confiança. Ela desconstrói o monólogo e carrega um pouco de toda a minha plêiade de atrizes consigo. É uma única, que faz várias.

**Falando de barata... como não pensar na de (Franz) Kafka, em “A Metamorfose”? O que existe de kafkiano em “A Paixão Segundo GH”?**

Kafka entra geracionalmente, foi eu converso com uma série de escritores, até os de ficção científica, como H.P. Lovecraft e Edgar Allan Poe. A barata, aqui, é um signo latente de muita coisa, além de sua condição de inseto. É até o feminino que é cortado na altura do ventre. A partir dela, eu devasso a tradição da casta burguesa e questiono a estabilidade social da personagem de Maria Fernanda.

Divulgação



O Cine Arlequin, que já pertenceu a Jacques Tati, é a casa do cinema brasileira desta terça-feira (26) até 2 de abril. O evento homenageia a obra do ator e diretor Antônio Pitanga



# O cinema brasileiro se encontra em Paris

Capital francesa recebe pela 26ª vez festival que celebra a produção audiovisual nacional

**H**á 26 anos, o Festival de Cinema Brasileiro de Paris apresenta na capital francesa um panorama da produção audiovisual nacional e, ao longo dessas quase três décadas, vem formando um público parisiense apaixonado pela nossa cinematografia. Principal vitrine do cinema brasileiro na Europa, o evento será realizado a



Divulgação

*Meu nome é Gal*

partir desta terça-feira (26) até 2 de abril, no L'Arlequin, cinema de rua no bairro de Saint-Germain-des-Près.

A mostra terá Antônio Pitanga como o grande homenageado e, além de contar com a presença do ator, vai apresentar seis longas de

sua filmografia, entre eles “Na Boca do Mundo”, primeira produção dirigida por ele, “Barravento”, de Glauber Rocha, e “Nosso Sonho”, o filme nacional mais visto de 2023.

O 26º Festival de Cinema Brasileiro de Paris exibe uma seleção das melhores produções do cinema brasileiro, entre ficções e documentários, e reúne anualmente mais de 5 mil pessoas para celebrar o audiovisual brasileiro na capital francesa. Neste ano, serão exibidos 30 filmes, divididos em cinco mostras: Competitiva, Hors-concours, Documentários, Sessão Escolar e Homenagem a Antonio Pitanga.

O L'Arlequin, sede do festival, é um tradicional cinema de rua parisiense inaugurado em 1934 e uma sala de referência para diretores, cinéfilos e críticos. A casa já pertenceu a Jacques Tati, diretor e ator francês premiado com o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro com “Meu Tio” em 1958.

Nesta edição, estão confirmadas as presenças de Antônio Pitanga, Camila Pitanga (diretora do doc “Pitanga”), Murilo Benício (diretor “Pérola”), Helio Pitanga (diretor “Nas Ondas de Dorival Caymmi”), Luiz Fernando Carvalho e Maria Fernanda Cândido (diretor e atriz

de “A Paixão Segundo G.H.”), Liliane Mutti e Robertinho Chaves (diretora e ator de “Madeleine à Paris”), Sandra Kogut (diretora “No Céu da Pátria Nesse Instante”), Fernando Velasco (argumentista e roteirista de “Nosso Sonho”), Marcelo Freixo (presidente da Embratur e personagem de “No Céu da Pátria Nesse Instante”), Christiane Jatahy (diretora “A Falta que nos Move”), Bia Lessa (diretora de “O Diabo na Rua, no Meio do Redemunho”), Marcelo Botta (diretor de “Betânia”).

Na mostra competitiva, serão apresentados oito longas de ficção que concorrem ao Troféu Jangada de Melhor Filme, escolhido pelo público. “Betânia”, de Marcelo Botta, produção do Maranhão que também faz parte da seleção do Festival de Berlim; “Sem Coração”, de Nara Normande e Tião, vencedor do Prêmio Félix de Melhor Filme Brasileiro e do troféu Redentor de Melhor Fotografia no Festival do Rio de 2023; “Saudade Fez Morada Aqui Dentro”, de Haroldo Borges, exibido no Festival do Rio e na Mostra de São Paulo; “A Batalha da Rua Maria Antônia”, de Vera Egito, ficção vencedora do Festival do Rio de 2023 que se passa na época da ditadura no Brasil e será exibida no dia 31 de março, quando se completam 60 anos do golpe militar; “Pérola”, de Murilo Benício, que será apresentado em sessão com a presença do diretor seguida de debate; “Nosso Sonho”, de Eduardo Albergaria; “Pedágio”, de Carolina Markowicz, vencedor do prêmio de melhor filme do Festival de Roma de 2023; e “O Diabo na Rua, no Meio do Redemunho”, de Bia Lessa, exibido no Festival do Rio.

Outras oito produções fazem parte da mostra hors-concours: “Propriedade”, de Daniel Bandeira; “A Paixão Segundo G.H.”, de Luiz Fernando Carvalho; “Meu Nome é Gal”, de Lô Politi e Dandara Ferreira; “Levante”, de Lillah Hall; “A Falta que nos Move”, de Christiane Jatahy; “Mussum”, de Silvio Guindan; “Crowrã (A Flor do Buriti)”, de Renée Nader Messoria e João Salaviza; e “Atiraram no Pianista”, de Fernando Trueba e Javier Mariscal.

# Plataformas em fervura máxima

Produções de diferentes territórios aquecem a audiência dos streamings

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**S**uperproduções, pequenos dramas de cunho autoral e thrillers de ação sofisticados dão o tom da streaminguesfera às vésperas da Semana Santa.

**MATADOR DE ALUGUEL** (“Road House”, 2024), de **Doug Liman**: Doze anos depois de criar a franquia “Jason Bourne”, com Matt Damon, o realizador do cult “Swingers: Curtindo a Noite” (1996) se debruça sobre um marco do cinema de ação, estrelado por Patrick Swayze (1952-2009). Muda muiiita coisa do projeto original, em especial a vertente erótico, aqui anulada. Mas conta com um inspirado Jake Gyllenhaal no papel principal. Ele vive um ex-lutador do UFC que consegue um emprego como segurança em um estabelecimento na Flórida Keys, apenas para descobrir que aquele paraíso não é tudo o que parece. Daniela Melchior e Joaquim de Almeida integram o elenco. Onde Ver: Amazon Prime

**RADIOACTIVE** (2019), de **Marjane Satrapi**: Depois de uma laureada carreira como animadora e quadrinista, a autora da HQ “Persépolis” surpreendeu o cinema com este épico científico de tom feminista sobre os feitos da química polonesa radicada na



**Nove Rainhas**

Divulgação



**Medida Provisória**

Divulgação



**Que Bom Te Ver Viva**

França Marie Sklodowska-Curie (1867-1934). Rosamund Pike tem uma impecável atuação encarnando a cientista e recebeu o prêmio de Melhor Atriz no Festival Barcelona-Sant Jordi por sua atuação, dublada no Brasil por Priscila Amorim. Onde ver: Netflix

**BARBIE FAIRYTOPIA: MERMAIDIA** (2006), de Wil-

Divulgação



**Matador de Aluguel**

Divulgação



**Radioactive**

**liam Lau e Walter P. Martishius**: Não se trata da “Barbie”, de Greta Gerwig, mas, sim, de uma animação eletrizante derivada do universo da boneca mais famosa do mundo. Na trama, a jovem Elina embarca em uma aventura debaixo d’água. Com a ajuda da sereia Nori, a Fada do Campo precisa salvar o príncipe tritão Nalu, que foi sequestrado pela cruel Laverna.

Onde ver: Globoplay.

**QUE BOM TE VER VIVA** (1989), de **Lúcia Murat**: Um marco do docudrama latino, coroado com o troféu candango de melhor filme, montagem e atriz (Irene Ravache) em Brasília, no fim dos anos 1980. A partir da mistura dos delírios e fantasias de uma personagem anônima com depoimentos de

oito ex-presas políticas brasileiras, o filme aborda a tortura durante a ditadura no Brasil. Onde ver: MUBI

**MEDIDA PROVISÓRIA** (2020), de **Lázaro Ramos**: Fenômenos de público e crítica do cinema brasileiro pós-pandemia, esta distopia rendeu ao ator baiano, estreado na direção de longas, o Prêmio Especial do Júri no Festival do Rio, em 2021. Sua bilheteria beira 500 mil pagantes. A base do roteiro de Lusa Silvestre é a peça “Namíbia, Não”, de Aldri Anunciação. Ele está em cena e também trabalhou com Lusa e com Lazinho no script. Na trama, o governo brasileiro decide deportar toda a população negra do Brasil para a África. Mas o advogado Antonio (Alfred Enoch); sua namorada, a médica Capitu (Taís Araújo); e o jornalista André (Seu Jorge, em impecável atuação) decidem ficar e resistir. Onde ver: Globoplay

**NOVE RAINHAS** (“Nueve Reinas”, 2000), de **Fabián Bielinsky**: O filme que apresentou Ricardo Darín ao Brasil, antes de “O Filho da Noiva” (2001), também estrelado por ele, concorrer ao Oscar. Cheia de reviravoltas, a trama acompanha os percalços de dois vigaristas (Darín e Gastón Pauls, laureados com um prêmio duplo de Melhor Interpretação no Festival de Biarritz) para enganar um filatelista com uma coleção de selos rara. Leonardo Camillo e Élcio Sodré dublam Ricardo e Pauls na versão brasileira. Onde ver: Star+

**TRAFFIC – NINGUÉM SAI LIMPO** (“Traffic”, 2000), de **Steven Soderbergh**: O Oscar de Melhor Direção coroou o realizador de “sexo, mentiras e videotape” (Palma de Ouro de 29189) e fez dele uma das apostas para a construção de narrativas pós-modernas, entre o vídeo, o cinema e o streaming. Três núcleos ligados ao combate às drogas são traçados, com direito a filtros de cores diferentes. O mais potente é o eixo estrelado pelo policial Rodríguez, que rendeu a estatueta dourada da Academia de Hollywood para Benicio Del Toro. Onde ver: MUBI

Por André Barcinski (Folhapress)

**A** história faz parte da mitologia do rock: em 4 de dezembro de 1971, durante um show de Frank Zappa no Casino Barrière de Montreux, às margens do Lago Genebra, na cidade suíça de Montreux, um espectador disparou uma arma de sinalização dentro do cassino, causando um incêndio que destruiu o prédio. O local, desde 1967, abrigava todos os anos o Festival de Jazz de Montreux, um dos mais famosos do mundo.

Do outro lado do lago, os cinco integrantes da banda de hard rock inglesa Deep Purple - Ian Gillan (vocal), Ritchie Blackmore (guitarra), Roger Glover (baixo), Ian Paice (bateria) e Jon Lord (teclados) - viram o incêndio das janelas do hotel onde estavam hospedados.

No dia seguinte, eles entrariam no cassino para gravar o sexto LP da banda, "Machine Head", usando o estúdio móvel que pertencia aos Rolling Stones.

Impactados pela imagem catastrófica do prédio em chamas, escreveram uma música que relatava o incidente e que se tornaria não só a mais famosa do repertório do Deep Purple, mas uma das mais icônicas canções do rock: "Smoke on the Water".

A música foi o destaque do LP "Machine Head", que seria gravado no Grand Hotel, também em Montreux. O disco saiu em março de 1972 e, para muitos, é o maior momento da carreira do Deep Purple.

Após 52 anos, "Machine Head" é relançado em edição de luxo. São três CDs, LPs ou Blu-Rays, com um novo remix do álbum original, feito por Dweezil Zappa - músico e filho de Frank Zappa. Além disso, o lançamento contém gravações de um show da banda em Londres, em março de 1972, e um registro até hoje inédito: o concerto do Deep Purple no cassino de Montreux, realizado oito meses antes do incêndio que destruiria o local.

"Machine Head" nasceu de uma catástrofe, mas acabou se tornando um momento único na carreira do Deep Purple" diz, por telefone, o cantor Ian Gillan. "Era o terceiro disco com a nova formação da banda, que incluía Roger Glover e eu, e estávamos num momento maravilhoso, compondo e tocando como nunca. A banda nunca estivera tão afiada."

Gillan diz que a banda decidiu gravar o disco em um cassino porque a grande maioria dos estúdios da época não eram adequados para uma banda como o Deep Purple.

"Os estúdios usados no início dos anos 1970 foram, com raras exceções, construídos



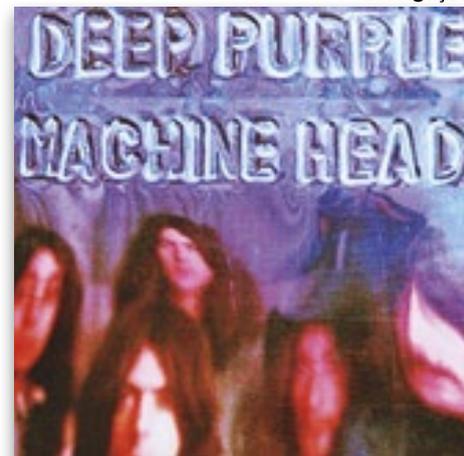
Ian Gillan durante show do Deep Purple em 1972

# 'Com 'Machine Head', forjamos nossa identidade'

O vocalista Ian Gillan conta como o álbum que nasceu depois de uma tragédia se tornou incomparável na história do Deep Purple. Disco de 1972 é relançado com remixagem

para abrigar equipamento pequeno e artistas que tocavam em volume baixo. A acústica era ruim, e os engenheiros de som, metaforicamente falando, estavam acostumados a jogar um cobertor' por cima dos artistas, tornando o som abafado e sem impacto", afirma Gillan.

"O Deep Purple era o oposto disso: uma banda pesada, que tocava alto e gostava de gravar todos os instrumentos ao mesmo tem-



Divulgação

po, como num show ao vivo. Precisávamos de um espaço amplo, e por isso acabamos optando pelo cassino."

Gillan acha que os dois discos anteriores da banda, "Deep Purple In Rock" (1970) e "Fireball" (1971), prepararam o terreno para "Machine Head": "O disco que gravamos na Suíça combinava o melhor daqueles dois discos. Em 'In Rock', quebramos todas as

barreiras, fazendo um disco super forte e pesado, e em 'Fireball' usamos mais elementos orquestrais, misturando também jazz, blues e country, resultado num som mais funkeado."

O cantor acredita que a banda construiu uma sonoridade muito pessoal, composta pela mistura das influências individuais de seus integrantes. "A praia de Jon [Lord, tecladista] era a música orquestral e o jazz, Ritchie [Blackmore, guitarrista] era um grande músico de estúdio que tocava de tudo. Roger [Glover, baixista] era um especialista em música folk e Ian [Paice, bateria] adorava jazz e o som das big bands dos anos 1940."

Ele, por outro lado, sempre foi mais do rock. "Tudo isso veio junto na equação humana que resultou no som do Deep Purple. Foi uma coisa fascinante, os elementos estavam alinhados, e obtivemos um resultado que não conseguiríamos individualmente. Com 'Machine Head', forjamos nossa identidade. É um disco que mostra influências individuais de cada um de nós, mas nenhuma delas foi dominante no resultado. É um trabalho do qual me orgulho muito."

## CORREIO CULTURAL



Divulgação SBT

Christina fará quadro baseado no antigo programa

## Para subir audiência, SBT decide reviver 'Casos de Família'

O SBT vai usar algumas armas para tentar alavancar a audiência do programa Tá na Hora, recém-estreado nos fins de tarde da emissora de Silvio Santos, com comando de Christina Rocha e Marcão do Povo.

Um dos quadros previstos para entrarem no ar nos próximos dias é uma versão menor do Casos de Família

(2004-2023), programa que Christina comandou por 14 anos no SBT.

A ideia é que ela receba no estúdio um popular que passa por um problema. Ao falar de seu drama, a pessoa terá seu problema ou dilema parcialmente resolvido pela apresentadora de alguma forma, seja para o bem ou para o mal.

### Mirando o exterior

Anitta lançará o álbum "Funk Generation" no dia 26 de abril. O álbum vai trazer também uma faixa em parceria com Sam Smith. Nas redes sociais, a cantora avisa que o trabalho terá 15 músicas, a maior parte com canções em espanhol e inglês.

### Racismo ao vivo

O ex-BBB João Pedrosa comentou os casos de racismo em edições do reality: "Sempre acontece, a diferença é que no BBB é televisionado. As pessoas precisam mudar. As discussões vêm avançando, mas sempre vamos acabar vendo isso. É enraizado".

### Dublagem

O sindicato dos atores de Hollywood anunciou que seus membros ratificaram novos contratos com dubladores de desenhos animados. O acordo aborda a inteligência artificial, preocupação que alimentou a greve de 118 dias dos atores no ano passado.

### Bossa no Beco

Ao lado de ao lado de Marcello Guimarães (teclados) e César Ferreira (violão), Andréia Pedroso apresenta nesta terça (26), às 21h, no Beco das Garrafas, o show "Cheia de Bossa", com clássicos do estilo que tem na casa de shows um de seus berços.

Tony Bennett em um show no State Theater, em Minneapolis (EUA), em maio de 2016

# O lucrativo legado de Tony Bennett

Parte do catálogo e royalties por uso de nome e imagem do icônico intérprete americano, morto em 2023, é adquirida por algo em torno de US\$ 50 milhões

Por Affonso Nunes

Um dos poucos artistas a ter novos álbuns nas paradas de sucesso das décadas de 1950, 1960, 1970, 1980, 1990 e mesmo nas primeiras duas décadas do século 21, Tony Bennett (1926-2023) teve parte de seu catálogo adquirido recentemente pela Iconoclast. O valor da transação não foi divulgado pela empresa, mas fontes ovidas pelo portal Music Business Worldwide estimam que o negócio vale até US\$ 50 milhões.

Incluídos como parte do acordo, estão os direitos de certas gravações sonoras de cantor americano, seus royalties de gravação sonora, NIL (nome, imagem e semelhança) e arquivos/memora-

bilia. Como nem todo o catálogo entrou na operação, a Sony Music continuará a controlar a maior parte das gravações do artista.

O filho e empresário do cantor, Danny Bennett, informa ter fechado acordos para uma série lançar produtos e oportunidades com a marca Tony Bennett, entre os quais uma série de relógios em parceria com a Bulova e um restaurante em Nova York.

Outras iniciativas incluem o lançamento de HQ biográfica e vários projetos de cinema e TV, incluindo o documentário "The Lady and The Legend", uma produção da Paramount+, contando o relacionamento artístico de Bennett com Lady Gaga, que resultou na produção de dois álbuns em dueto: "Cheek to Cheek" (2014) e "Love for Sale" (2021).

Dezenove vezes vencedor do Grammy e ganhador do prêmio Grammy Lifetime Achievement (pelo conjunto da obra), e vencedor do Emmy (o Oscar da TV americana), Tony Bennett é um ícone da música americana e mundial. Foi o artista mais velho a ter um álbum que alcançou o primeiro lugar no Top 200 da Billboard duas vezes.

"Todos nós seguimos os passos de gigantes. Tony foi um desses gigantes", comentou Olivier Chastan, fundador da Iconoclast, ao justificar o negócio. "Seu legado brilha além da música. Tem a ver com caráter, integridade, bondade e coragem. Estamos honrados em ser os guardiões desta lenda", completa.

"Ao trabalhar com meu pai por mais de 40 anos, minha filosofia sempre foi a de que eu não estava administrando uma carreira, e sim um legado", disse Danny Bennett.

Fundada no fim 2021, a Iconoclast vem atuando de forma agressiva no mercado de direitos de publicação musical e NIL. Entre seus negócios mais impactantes estão os royalties de produção do compositor, compositor e produtor italiano Giorgio Moroder (um dos pioneiros da música eletrônica), o catálogo de publicação musical de Beyoncé, do compositor e produtor Nick Monson (autor de vários sucessos de Lady Gaga) e uma participação em gravações do selo de rap Murder Inc.

Por Ana Cora Lima (Folhapress)

ENTREVISTA / VINNY, CANTOR, COMPOSITOR E PSICANALISTA

# ‘Não preciso mais da música para sobreviver’

Rapha Urjais/Divulgação



No final dos anos de 1990 e começo dos anos 2000, só dava Vinny na cena musical. Vinícius Bonotto Conrado —seu nome de registro— vivia nos programas de auditórios de todas as emissoras e dominava as pistas de danças do Brasil afora com hits como “Heloísa, Mexe a Cadeira”, “Shake Boom” e “Uh! Tiazinha”, entre outros.

As músicas eram marcadas por batidas eletrônicas pulsantes e letras que abusavam das onomatopeias. Como explicar versos como “no badauê, no balancê / boom, boom, shake, shake, shake, boom”? Ou então: “mexe a cadeira, sabe tudo e nada fala / mexe a cadeira e vai fazendo a minha mala”? Foram “fenômenos doidos”, como descreve o próprio cantor.

Vinny reconhece que, a princípio, não gostava de ver suas canções nas mãos DJs e remixadas a torto e a direito. “Odiei. Era contra”, lembra o paulista de Leme, que, após um período de baixa no mercado musical, decidiu estudar e se tornar psicanalista.

Desde o ano passado, decidiu fechar a agenda de atendimentos para voltar à música. “Estou feliz pra caramba com meu retorno por mil motivos. O primeiro e mais importante deles é que hoje, diferentemente daquele momento da vida, eu não preciso mais da música para sobreviver. Faço por prazer mesmo, desejo e tesão.”

**A pergunta que não quer calar: as pessoas comentam que você não envelhece? Sempre tem aquela curiosidade do tipo ‘dorme no formol’?**

**Vinny:** Total (risos). É o que mais ouço. Mas não durmo no formol e sempre respondo que a minha aparência jovem é por causa da alegria de viver. Sou muito grato de poder abrir os olhos, ir e vir, produzir... Também nunca fui de beber, drogas e noitadas. Noitadas só mesmo quando eu tinha shows que varavam as madrugadas.

**Você tem mais de 200 composições, são 14 discos no total, mas se tem uma que é associada a você é ‘Heloísa, Mexe a Cadeira’. Um hit com o qual você deve faturar alto até hoje...**

Foi um fenômeno doido, porque a música aconteceu em 1998. Não tinha internet e ela tomou uma proporção gigantesca. Principalmente depois do remix.

**Como assim?**

A música virou um remix, e fui contra. Quando o presidente da gravadora apresen-

tou a ideia de fazer remix, falei: ‘Isso vai ficar uma merda, de jeito nenhum’. Ele fez, me mostrou e eu odiei (risos). Mesmo odiando, ele entregou aos DJs e aí aconteceu o estouro de ‘Mexe a Cadeira’. Eles estouraram a música na noite antes mesmo de ela ir para as rádios e tevê num circuito alternativo muito louco.

**Mas, como era na sua cabeça fazer sucesso com uma música que você odiou? Suas letras eram, digamos, mais profundas ou você era de outro estilo?**

O meu universo era totalmente diferente. Tocava em uma banda de hard rock chamada Hay Kay [o grupo lançou um álbum em 1990 e teve a música “Segredos” incluída na trilha sonora da novela “Vamp”, da Globo]. As coisas não foram tão bem e aí eu lancei o

meu primeiro trabalho solo em 1995 pela Indie Record. Era um disco acústico, outro tipo de som e a minha resistência aos DJs era total.

**O que te fez quebrar essa resistência?**

Assim que entendi como era que funcionava isso na noite, o que o pessoal queria ouvir nas pistas, percebi que podia ser maneiro e, obviamente, lucrativo. Meti o pé e aí vieram “Shake Boom”, “Na Gandaia” e “Uh! Tiazinha”.

**Você é mestre em Filosofia e é também psicanalista? Quando foi que virou essa chave?**

Essa parada de fazer sucesso nas pistas foi um aprendizado. Confesso que fui muito preconceituoso. Achava que aquilo era infé-

rior, e o que eu fazia era melhor. Percebi a burrice a tempo. A gente vive num país tropical e há uma inclinação natural à festa, né? E aí você é abraçado por uma galera gigantesca, sabe? Me sinto sortudo e orgulhoso da minha trajetória.

**E ter outras profissões? Você chegou a fazer faculdade de direito?**

Amo direito e cheguei a trabalhar no setor jurídico da Bradesco Seguros, mas sabia que iria ser um péssimo advogado porque tinha medo de falar na frente de um juiz (risos). Vi que a música tinha mais a ver comigo. Depois, fiquei um tempo querendo mudar de vida. O mercado não estava bom e fui estudar filosofia e ciências sociais. No fim, me interessei pela psicanálise.

**Você clínica? Os pacientes te reconhecem?**

Sim, já atendi em uma clínica e alguns pacientes me reconheciam; outros não. Sabia que esse era um temor que eu tinha e debatia isso com os meus coordenadores, porque o fato de ser pessoa pública poderia ser muito ruim. Ou muito bom.

**Como assim?**

O fato de ser público, de alguma forma, pode já estabelecer alguma intimidade, né? Você já me viu de alguma forma. Eu não sou uma pessoa 100% estranha para você. Mas poderia ter também um bloqueio pela exposição. Felizmente, não tive grandes problemas. Tive muitos pacientes, tenho um carinho enorme por todos, mas desde o final do ano passado, fui avisando um a um que a agenda iria fechar por causa da minha volta à música.

**Você está voltando?**

Fui contratado por uma gravadora de Los Angeles, a Expand Music, para lançar pelo menos uns dois, três discos. O primeiro já foi lançado e se chama “Baile do Vinny”. O repertório é formado pelas músicas das pistas revistas e com alguns arranjos novos. Quero sair pelo Brasil com esse trabalho.

**Está feliz com esse retorno?**

Estou feliz pra caramba por mil motivos. O primeiro e mais importante deles é que, hoje, diferentemente daquele momento da vida, eu não preciso mais da música para sobreviver. Amo fazer o que eu faço. Faço por prazer mesmo, desejo e tesão. Tenho 58 anos e sair de casa para tocar em um cidade do interior, passar horas dentro de um ônibus, pegar avião, fazer várias turnês seguidas... Tem que estar com vontade ou estar precisando muito. Hoje, o meu caso é o primeiro, graças a Deus.

Fotos/Bob Wolfenson/Divulgação



Os Titãs voltam a ser clicados por Bob Wolfenson ao fim da turnê de reencontro de seus membros originais



Nem todos os artistas do line-up do festival toparam participar de sessões de fotos no estúdio de Bob Wolfenson montado no backstage

# O desafio de um novo olhar

Bob Wolfenson subverte a pose dos artistas em suas fotografias no Lollapalooza

Por Pedro Martins (Folhapress)

**B**ob Wolfenson se lembra vividamente de quando fotografou para o jornal Folha de S.Paulo astros como Nina Simone e Sarah Vaughan nos camarins do Free Jazz Festival, na década de 1980. De lá para cá, 40 anos se passaram, e muita coisa mudou até sua estreia no Lollapalooza, no último fim de semana, quando registrou os artistas que se apresentaram no Autódromo de Interlagos, na capital paulista.

Antes, ele conta, tinha mais controle sobre a imagem. Agora, ao lado de um monitor de 30 polegadas onde seus cliques são exibi-



Para imagens dos shows, Wolfenson precisou seguir a regra estabelecida de registrar somente as primeiras músicas

dos instantaneamente, a maioria não resiste a espiar e palpitar, como se estivesse fazendo um ensaio para suas redes sociais.

“O comportamento dos artistas mudou muito. Eles próprios querem se dirigir, mas eu fico buscando algo que seja subversivo. Como estou fotografando gente muito conhecida, que já foi muito fotografada, tento fazer uma

coisa que não seja muito a cara do artista. Tento desmontar o preparo que eles trazem. Eu mexo, mudo o ângulo, o fundo. Vou tateando as possibilidades”, diz Wolfenson.

Prova disso é que boa parte dos artistas internacionais não quiseram dar as caras, ele conta. São as mesmas figuras que às vezes não permitem ser fotografados nem durante os

seus shows - como foi o caso de SZA e Sam Smith nesta edição do Lollapalooza -, ainda que os fotógrafos assinem uma cartilha rigorosa de regras - e se comprometam, por exemplo, a não fotografar mais do que as primeiras músicas da apresentação, a uma distância estipulada e com lentes específicas.

Não é diferente do que acontece no contato entre os repórteres e os cantores, que cada vez mais tentam submeter os jornais a uma lista de perguntas ou assuntos proibidos, além de concederem tempos muito curtos, de não mais do que cinco minutos, para a realização das entrevistas, justamente para não pôr sua imagem à prova.

Wolfenson, de 70 anos, 50 deles dedicados à fotografia, não poupou esforços para abalar as poses prontas com as quais parte dos cantores chegaram a seu estúdio improvisado nos boxes do autódromo que servem de camarim para o festival de música, que acontece anualmente.

“Pode ser porque não tem som, fala, movimento. A foto tem um conteúdo de agressividade muito grande. É um recorte da pessoa que está na minha mão”, diz ele, que pretende incluir parte das fotos feitas no festival em fotolivros que deve lançar no futuro.

De sexta a domingo, passaram por seu estúdio astros da MPB, como os Titãs e Gilberto Gil, que Wolfenson fotografou uma dúzia de vezes, a ilustres desconhecidos tanto para ele e para o público como Perry Farrell, o criador do Lollapalooza. “Antes eu pegava o filme, mandava revelar e ninguém via. No começo sofri, mas depois aderi a essa transição”, conta.